

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS  
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

“FECHADOS COM BOLSONARO 2022”:  
UMA ANÁLISE EXPLORATÓRIA DA REDE BOLSONARISTA NO  
TELEGRAM

RAFAELA BATISTA GUIMARÃES

MANAUS-AM  
2022

RAFAELA BATISTA GUIMARÃES

“FECHADOS COM BOLSONARO 2022”:  
UMA ANÁLISE EXPLORATÓRIA DA REDE BOLSONARISTA NO  
TELEGRAM

Monografia de Graduação apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais.

Orientador (a): Dr. Ludolf Waldmann Junior.

MANAUS-AM  
2022

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Guimarães , Rafaela Batista  
G963f "Fechados com Bolsonaro 2022": : uma análise exploratória da rede bolsonarista no Telegram / Rafaela Batista Guimarães . 2023  
46 f.: il.; 31 cm.

Orientador: Ludolf Waldmann Junior  
TCC de Graduação ( Ciências Sociais) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Telegram. 2. Eleição 2022. 3. Bolsonarismo. 4. Extrema direita.  
I. Waldmann Junior, Ludolf. II. Universidade Federal do Amazonas  
III. Título

Monografia de Graduação sob o título “FECHADOS COM BOLSONARO 2022”:  
UMA ANÁLISE EXPLORATÓRIA DA REDE BOLSONARISTA NO TELEGRAM  
apresentada por Rafaela Batista Guimarães e aceita pelo Departamento de Ciências Sociais da  
Universidade Federal do Amazonas, sendo aprovada por todos os membros da Banca  
Examinadora.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 24/07/2023.

---

Prof. Antônio Pereira de Oliveira  
Coordenador do Curso de Ciências Sociais

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Ludolf Waldmann Junior  
Orientador  
Universidade Federal do Amazonas

---

Profª Drª. Flávia Melo  
Membro  
Universidade Federal do Amazonas

---

Prof. Dr. Israel de Jesus Rocha  
Membro  
Universidade Federal do Amazonas

Manaus-AM, 24 de julho de 2023

## RESUMO

O presente estudo trata-se sobre análise de caráter exploratório e de cunho descritivo da rede bolsonarista no Telegram durante a campanha de eleição de 2022. Tal fenômeno investigado busca compreender a rede do eleitorado bolsonarista de extrema direita. Afinal, como compreender a formação estratégica/ordenada do eleitorado bolsonarista a partir do Telegram? Para responder essa pergunta e instigar novas reflexões acerca da plataforma Telegram, esta pesquisa busca identificar e apontar táticas produzidas no grupo de bate-papo bolsonarista no qual conduziu-se o campo de pesquisa de análise etnográfica digital. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa de análise de dados extraídos durante o período correspondente ao mês de março até setembro do ano de 2022.

**Palavras-chave:** Telegram; Eleição 2022; Bolsonarismo; Extrema direita.

# SUMÁRIO

1.	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
2.	<b>O FENÔMENO BOLSONARISMO A PARTIR DA LITERATURA ACADÊMICA</b> .....	10
2.1.	Conceito do Fenômeno e Perfil dos Bolsonaroistas .....	10
2.2.	Bolsonarismo a partir da nova direita .....	15
2.3.	Bolsonarismo e a Militarização .....	19
3.	<b>PARTINDO DE UMA INVESTIGAÇÃO</b> .....	21
3.1.	Coleta de dados: imersão ao grupo .....	21
3.2.	Tratamento dos resultado e interpretação.....	23
3.2.1.	Regras do Grupo .....	23
3.2.2.	Bloqueio do Telegram.....	28
3.2.3.	O preço da traição .....	33
3.2.4.	Motociata.....	38
5.	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	42
	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	44

## 1. INTRODUÇÃO

O aplicativo Telegram é um serviço de mensagens instantâneas para smartphones, tablets, computadores, isto é, multiplataforma e na versão como aplicação web. Foi criado pelos irmãos Nikolai e Pavel Durov e em agosto de 2013. Sua sede está localizada em Dubai, além de contar com bases em Berlim, Londres e Singapura, de modo que no Brasil não há sede física. Segundo o Telegram.org, os grupos podem alcançar até 200.000 mil membros em sua comunidade, além disso, os canais públicos distinguem-se por suportarem um número ilimitado de inscritos.<sup>1</sup>

Os grupos/canais têm customização de ferramentas personalizadas, utilizando *bots*<sup>2</sup> que executam comandos especiais por terceiros dentro do Telegram, com o objetivo de fazer notificações e notícias personalizadas, integrar-se com outros serviços externos, fazer pagamentos e entre outros serviços e/ou demandas de acordo com a necessidade ou procura. Além disso, existe o chat secreto que é uma opção mais sigilosa e privativa com segurança criptografada e novos recursos. A plataforma tornou-se uma alternativa bastante atrativa para atividades ilícitas onde crime, incitação ao ódio e violência são permitidos nos grupos anônimos no qual é muito difícil de identificar os responsáveis.

Da mesma forma que grupos bolsonaristas de extrema direita migraram para o Telegram em virtude da segurança e privacidade, onde não há intervenção e moderação de conteúdo, isto é, configura um recurso de comunicação estratégico muito atrativo aos usuários que buscam o lema que a plataforma defende: “liberdade para todos”. O objetivo do presente trabalho é compreender a rede midiática ordenada do eleitorado bolsonarista de extrema direita no aplicativo Telegram, bem como identificar a rede de comunicação política tais como compartilhamentos e interações no canal/grupo. Assim, possibilitando contextualizar a partir dos estudos acerca da nova direita política e a rede de comunicação digital, questiona-se a possibilidade de apontar características e/ou rupturas de táticas e estratégias nos ambientes virtuais, indicando ou não certa continuidade ao longo da eleição de 2022.

---

<sup>1</sup> “canais são uma ferramenta para transmitir mensagens para grandes públicos. Na verdade, um canal pode ter um número ilimitado de inscritos. Quando você publica em um canal, a mensagem é assinada com o nome e a foto do canal e não com o seu. Cada mensagem em um canal tem um contador de visualizações que é atualizado quando a mensagem é visualizada, incluindo as cópias encaminhadas da mensagem”. (telegram.org/faq. Disponível em: <https://telegram.org/>. Acesso em: 29 agost. 2022)

<sup>2</sup> “*bots* são aplicativos de terceiros executados dentro do Telegram. Os usuários podem interagir com bots enviando mensagens, comandos e solicitações inline”. (telegram.org/bots. Disponível em: <https://telegram.org/>. Acesso em: 29 agost. 2022).

Diante disso, a partir dos objetivos apresentados, certos grupos são impulsionadores para o crescimento da desinformação, informação errônea e/ou tendenciosa nas redes. Por outro lado, no Brasil, o fenômeno bolsonarismo ganhou força através da internet participativa que se baseia nos conteúdos gerados pelos usuários. Porquanto, Jair Bolsonaro tem um canal oficial com mais de um milhão de seguidores no Telegram. Além disso, o serviço de mensagem dispõe de mais recursos para a organização desses grupos bolsonaristas, menciona-se que o canal, intitulado como “fechados com Bolsonaro 2022”, que conta com o apoio de mais de quarenta mil usuários. Diante de tal problemática, tem-se que o estudo dessa pesquisa se orienta por meio da seguinte pergunta: Como compreender a formação estratégica/ordenada do eleitorado bolsonarista a partir do Telegram?

A pesquisa proposta tem como justificativa a relação entre internet e política, mais especificamente, a ligação entre participação política, conectividade e fragmentação social. Com isso, destaca-se que a pesquisa discute as estratégias em torno do fenômeno bolsonarismo a partir da sua atuação na rede social digital. Tal fenômeno sociocultural e político, bem como suas representações, cresceram durante o período após a eleição de outubro de 2018, o que resultou na ascensão política e eleitoral do conservadorismo no que se refere ao grande número de adeptos Bolsonaristas no Brasil.

Nos círculos acadêmicos e midiáticos, o Bolsonarismo tem sido interpretado como um fenômeno político derivado da presença e da influência do presidente Jair Messias Bolsonaro. [...] Designa algo que ultrapassa o personagem e abarca uma série de expectativas, percepções e visões de mundo que não se esgotam em sua figura. Isso sugere que Bolsonaro se tornou o principal intérprete e o mais conspícuo mediador, no campo político, de um movimento recente, no plano das ideias e práticas, que atraiu significativo e diversificado contingente de brasileiros (Baldaia; Araújo; Araújo, 2021, p. 1).

Do mesmo modo que a participação popular na política brasileira foi sendo moldada, visto que a capacidade do usuário de compreender, reconhecer e refletir “transformam-se num ator coletivo consciente. Assim, a mudança social resulta da ação comunicativa que envolve a conexão entre redes de redes neurais dos cérebros humanos estimuladas por sinais de um ambiente comunicacional” (Castells, 2017, 190). Observa-se que, a relação entre a rede midiática e o eleitorado nos pleitos de 2022, não só tem o “poder” do cidadão comum sobre as plataformas digitais, mas o seu impacto nas relações familiares e nos diálogos sociais.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizada uma pesquisa on-line que se iniciou em março 2022, no (canal/grupo) público do Telegram com temática bolsonarista. Foi realizada a revisão acadêmica dos conceitos que explicam sobre o fenômeno bolsonarismo, inspirado na



abordagem do livro *Governo Bolsonaro: Retrocesso Democrático e Degradação Política* de Avritzer *et al.* (2021), pesquisas atuais de cientistas sociais e outras áreas que estavam acompanhando os processos que ocorreram nos últimos anos na política e sociedade brasileira. Juntamente, inspirado no livro intitulado *Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet* de Castells (2017). Assim também, a partir do trabalho desenvolvido pela antropóloga Letícia Cesarino (2020) que contribuiu cientificamente a pensar no campo da antropologia digital, um subcampo ou “nova” subdisciplina da antropologia abordado pelos pesquisadores (Horst e Miller, 2012).

Essa pesquisa de natureza qualitativa utilizou o método etnografia digital com observação<sup>3</sup> oculta no canal/grupo selecionado para análise dentro do Telegram. Analisou-se o canal *Fechados com Bolsonaro 2022* interligado ao grupo *Exército Bolsonaro*, ambos públicos. Para os dados da rede de comunicação bolsonarista que constitui o corpus representativo desta pesquisa foram coletados e armazenados no HD externo o material extraído através da ferramenta disponível no próprio Telegram em que é possível coletar informações do grupo tais como: imagens, vídeos, interações e afins.

O backup dos dados foi realizado em dias em que o grupo estava mais ativo, mas as observações foram feitas sistematicamente. O período da coleta e observação correspondeu ao mês de março até setembro do ano de 2022. A partir da coleta dos dados, divide-se em quatro tópicos representativos, devido à grande quantidade de material.

Este trabalho se divide em dois capítulos e considerações finais: a primeira delas trata-se da contextualização sobre o fenômeno bolsonarista a partir da revisão da literatura sobre o assunto; o segundo trata-se do tratamento dos resultados e interpretação da coleta do material realizado no Telegram; e, por fim, nas considerações finais, retoma-se o argumento inicial de que, o fenômeno do bolsonarismo se relaciona com o processo de ascensão das direitas no Brasil.

---

<sup>3</sup> “o pesquisador é integrante da comunidade, mas não se manifesta, lendo ocultamente os fenômenos sociais que vão se desenrolando nas redes sociais” (Ferraz, 2019, p.62).

## 2. O FENÔMENO BOLSONARISMO A PARTIR DA LITERATURA ACADÊMICA

### 2.1. Conceito do Fenômeno e Perfil dos Bolsonaroistas

Compreende-se que o fenômeno do bolsonarismo se relaciona com o processo de ascensão das novas direitas no Brasil. O fenômeno bolsonarismo, em sua abrangência, exige contribuições de distintas áreas das Ciências Humanas em suas perspectivas antropológica, sociológica, política e econômica, as quais buscam apontar o período marcado pela ascensão do bolsonarismo.

Schwarcz (2019) aborda o fenômeno do bolsonarismo como uma reviravolta conservadora e reacionária que se manifestou no pleito de 2018. Novos governos que recorreram às estratégias que levavam a divisão da população entre “eles” e “nós”, um tipo de “guerra” que estabeleceram os intrusos e os que são diligentes; o uso contínuo de meios para propagar desinformação; a dominação do Estado, instituições e leis e o enaltecimento de valores tradicionais.

Além disso, explica que “a base no ultranacionalismo religioso, cultural, étnico, e a característica de delegar o poder e a representação política para seu líder supremo, logo convertido em mito; aquele que fala no lugar de todos e por todos” (Schwarcz, 2019, p.185). Ou seja, é um fenômeno muito moderno e complexo. Já no cenário da comunicação, há um padrão que influencia na decisão do voto e no posicionamento do eleitorado, o qual está sempre em movimento e continuamente ativo, por meio da comunicação multiplataformas (plataformas que são integradas, cujo fluxo é frequente e veloz), logo, fica muito mais acessível a manipulação de conteúdos tendenciosos ou falsos que vendem uma imagem partindo de conceitos como religião, família e pátria (Schwarcz, 2019).

Solano (2019) argumenta que a bolsonarização no Brasil se deu na esfera pública da sociedade civil, a partir de grupos de extrema direita que consolidaram o recente fenômeno populista no pós-2013. Ainda, aponta que Bolsonaro captou a insatisfação gerada pelas crises nacionais, agravada pelos casos de corrupção, tornando-a um meio potencializador eleitoral da sua campanha. “Os partidos políticos clássicos estão no coração dessa crítica porque eles formam o sistema, são o centro do fisiologismo político” (Solano, 2019, p. 309). Aponta também que, estamos diante de uma tendência política, composta a partir da rejeição ou negação de movimento antipetista, antipartidário e antissistêmico, ou seja, “[...] a política dos antagonismos. A rejeição de alteridades se tornou uma força eleitoral irresistível” (Solano, 2019, p. 309).

Ademais, Bolsonaro era visto como uma saída para as crises econômicas e políticas, ou seja, grandes mudanças para um futuro de esperança. Sua candidatura foi potencializada por uma retórica antissistema, anticorrupção, antipetista, antiesquerdista, militar e patriótica “[...] na negação das diferenças políticas e na moralização do debate público, apresentando os adversários como inimigos não só de ordem política, mas também moral e religiosa” (Solano, 2019, 317).

Os apontamentos de Solano (2019) indicam que 23 (vinte e três) das 30 (trinta) pessoas entrevistadas por ela diziam que apenas a política com características de Bolsonaro poderia transformar o cenário político brasileiro. Assim, ele compôs significativas alianças, surgiu como herói da moral e da segurança, firmou ligações com as igrejas evangélicas e com forças conservadoras, de modo que durante a campanha eleitoral a causa do antipetismo estava na denúncia da corrupção, isto é, elemento em ênfase para entender a mudança de votos de um determinado grupo para a sua candidatura. O impacto diante da resposta à crise política parecia ir em direção contrária aos velhos partidos frente à novidade de alguém que representaria autenticidade.

A bolsonarização da sociedade é um fenômeno complexo e multifatorial que irrompeu nossa realidade com muita força. Elementos que são altamente corrosivos para a democracia, como a retórica antissistema e a instrumentalização dos anseios de renovação política, o louvor a uma justiça messiânica, o antipartidarismo, a visão do adversário político como inimigo a ser aniquilado, o anti-intelectualismo, foram fundamentais na vitória de Bolsonaro. (Solano, 2019, p.319).

A corrupção é um enunciado chave, posicionando-se no centro das alegações do desprezo pelo sistema, não apenas aos políticos, mas próprio fazer política desperta esse sentimento de negação, na qual surge a narrativa da meritocracia e do esforço individual (hiperindividualismo) como o caminho para a solução, a intervenção ou punição divina pelo preço da traição ao adversário político, em que trair amigos é ganhar inimigos ao mesmo tempo que norteia e fortalece novas alianças.

Por outro lado, a pesquisa de Cesarino (2022), que se refere a compreensão de bolsonarismo como públicos antiestruturais, construído a partir da relação entre os conceitos de contrapúblico e público refratado no contexto sobre o ponto da crise da democracia liberal e a atual mídia. Ela divide o exercício do bolsonarismo (público antiestrutural) em três principais categorias: “ambiente (sistemas algorítmicos), ação tática de influenciadores e grupos organizados, e usuários comuns” (Cesarino, 2022, p.164). A autora explica que o termo

*públicos refratados* são camadas mais subterrâneo e oculto da internet. Surgem na interação entre plataformas e humanos que adquiriram habilidades algoritmos a seu benefício.

Os contrapúblicos refratados bolsonaristas são antiestruturais pois não apenas não se ancoram na mesma lógica política da esfera pública liberal e do Estado democrático de direito, como pressionam suas instituições e pressupostos na direção de um limiar verdadeiramente transformacional: não de algo totalmente novo, mas da sua própria antiestrutura. Ao ocupar e tensionar a normatividade sociopolítica a partir das suas margens, esses públicos buscam virá-la, por assim dizer, “do avesso”. Esse movimento de inversão antiestrutural toma a forma do que Louis Dumont (2000) identificou, em seu argumento sobre a emergência do totalitarismo a partir do individualismo, como um tipo de englobamento do contrário (Cesarino, 2022, p.169).

Segundo os apontamentos da autora, os públicos bolsonaristas exercem os afetos de otimismo e esperança. É nesse sentido que o ressentimento atua como impulsionador capaz de alcançar diferentes segmentos sociais que em situações de crise expressam suas injustiças diante da frustração, resultando em alvos fáceis para retóricas que atribuem o caminho para a “salvação” do povo. Enfatiza, ainda, que há em comum entre os bolsonaristas um movimento funcional e dinâmico que se desenvolve pela viabilidade de contraversão antiestrutural fortalecida pelo discurso do líder (Cesarino, 2022).

Além disso, “o bolsonarismo político e demais públicos que com ele ressoam vicejam na fragilização das infraestruturas que produziam as elites do conhecimento no mundo pré-digital” (Cesarino, 2022, p.175) que juntamente surgem novos mediadores digitais tais como, por exemplo, influenciadores, usuários comuns que executam empreendimento na produção de um novo meio de comunicação que cresce rapidamente mediante plataformas (Youtube, Instagram, Telegram e afins) para formação de um “novo jornalismo”, “nova medicina”, “nova história” (Cesarino, 2022).

Ainda segundo Cesarino (2022, p. 181), em relação a ação tática antiestrutural denominado tal com etapas bolsonaristas em que “houve mudanças importantes na topologia e modus operandi desses públicos, que passaram a se difundir por diferentes plataformas tanto acima quanto abaixo da internet de superfície”. Assim, a partir do novo governo consolidado em 2019, a configuração dos públicos refratados que estavam de acordo e sincronia com as condutas e discursos do presidente mantinham-se adeptos a corporação digital.

Com isso, divide-se entre dois públicos de ação tática: 1) Público Mainstream, que pertence ao círculo que atua nas grandes plataformas e aplicativos de mensagens; a dinâmica que resulta acerca da atuação em torno das “declarações golpistas” através do pronunciamento do presidente Bolsonaro. Forma-se uma tensão negativa por meio do repúdio, porém, são

convencidos pelo presidente, à medida que ele ressurgiu ao novo ciclo de declarações; e 2) Público Bolsonarista, cuja dinâmica que resulta acerca da atuação em torno do "recuo" do presidente Bolsonaro diante das manifestações. Forma-se, assim, uma tensão positiva diante do líder, gerando a convicção de calma e otimismo aos seguidores. Assim, para o público mais moderado, ele agiu de forma prudente contra o caos que a esquerda esperava, já os mais radicais os planos de mobilização seriam reajustados estrategicamente.

A camuflagem, que Bateson (1972) define como o oposto da comunicação, é segundo ele alcançada: "(1) reduzindo a relação sinal/ruído, (2) quebrando os padrões e regularidades no sinal, ou (3) introduzindo padrões similares no ruído" (p. 296)." Nos públicos bolsonaristas, observam-se os três. A redução da relação sinal-ruído (1) se dá pelo aumento da equiprobabilidade ou ambiguidade dos enunciados, tanto do próprio presidente quanto do amplo espectro de possibilidades narrativas disparadas nos ecossistemas digitais que o apoiam (CESARINO, 2021c). Já a quebra de padrões e regularidades no sinal (2) se dá pelas constantes interpelações que o presidente e outros fazem nos públicos do mainstream, mantendo-os sempre instáveis e orbitando em torno de suas declarações ultrajantes (LEIRNER, 2020; CESARINO; NARDELLI, 2021). Aquilo que vem sendo chamado de "cortina de fumaça" não teria como objetivo esconder algo que esteja sendo feito, mas tornar impossível a própria estabilização de um pano de fundo onde qualquer ação possa ser rastreada, e responsabilidades, atribuídas. Finalmente, a introdução de padrões similares no ruído (3) envolve a disponibilização de narrativas alternativas, frequentemente de ordem conspiratória, visando sua construção gradual enquanto realidade sociopolítica oposta àquela da esfera pública liberal, pois baseada numa lógica de inclusão não pluralista, ou iliberal [...] (Cesarino, 2022, p.183).

Moldando, assim, o público alvo (usuários comuns) centralizando a atenção e comportamento do público. Não apenas os usuários comuns, mas os "públicos dominantes" que reagem através dos meios de divulgação de informação.

Nesse sentido, o fator limitante é descobrir os atuantes centrais que operam e coordenam de forma anônima e camuflada. Bem como, beneficia-se da omissão propiciada pelas plataformas que executam recursos tecnológicos mais fechados, impossibilitando e frustrando o reconhecimento exato dos atuantes ou mandantes.

Conforme Kalil (2018), que analisou 16 perfis de eleitores e possíveis eleitores conforme classe social, raça, identidade de gênero, religião, dentre outros elementos que compõe a sua pesquisa, na qual realizou-se a observação de manifestações de grupos e movimentos (conservadores, liberais, direita ou extrema direita) nas ruas e nas redes sociais, entre o período de 2016-2018 e com mais de mil pessoas entrevistadas. Os resultados revelaram que a atuação política da extrema direita formado, através das manifestações de rua, revelou uma nova forma de mensagem transmitida (comunicação) ao seu público e conseqüentemente de se fazer política.

Dessa forma, de acordo com Kalil (2018), não há uma característica específica do grupo social. Destaca-se que Bolsonaro conseguiu o apoio de um público que se tornou cada vez mais diversificado, tal feito é fundamental para interpretar estratégias de comunicação do candidato com seu público, entretanto, apesar da heterogeneidade do público simpatizante de Bolsonaro. A percepção da imagem difusa do “cidadão de bem” como figuração central (o que passou a ser definido nas manifestações públicas como fator de distinção entre os participantes) trata-se do conceito de cidadão de bem que passou por um processo de mudança, pois antes era usado como forma de modo de vida adequada, agora usa-se para distinguir formas de protestos “violentas” ou “pacíficas”, “refere-se a um conjunto de condutas dos indivíduos na vida privada, a um conjunto de formas específicas de reivindicação política na vida pública e [...] de temas e agendas que passaram a ser consideradas como legítimos” (Kalil, 2018, p. 9).

Em vista disso, é perceptível a representação particular de pertencimento a um modo adequado de viver. Ao analisar o discurso contra a corrupção, muito presente no perfil do “cidadão de bem” e seus diferentes termos atribuídos a partir da expressão “Deus, Pátria e Família” lema bastante usado nas falas de Bolsonaro, grupos de direita ou religiosos, pode-se destacar que o termo corrupção é interpretado como “desordem” de conduta e preceito e confusão entre vantagens, regalias e privilégios. “Essa figura [...] conseguiu captar tendências “antissistema” (“contra todos os partidos”, “contra todos os políticos”, “contra tudo e contra todos”), para depois atrair dimensões da crítica anticorrupção [...]” (Kalil, 2018, p. 10).

Com efeito, a pesquisadora aborda outro perfil, intitulado *os eleitores de Bolsonaro em caleidoscópio: as combinações entre “comunismo” e “ideologia de gênero”*. Da síntese, Kalil (2018) concluiu que a chave de leitura se deu em torno da junção da acusação de comunismo e ideologia de gênero, de forma geral, a autora definiu em sua pesquisa os 16 perfis em destaque abaixo três perfis para ilustração:

No primeiro, *as pessoas de bem: Instituições fortalecidas para o fim da impunidade*: perfil que compõem de homens e mulheres; classe média; idade acima dos 35 anos e posições que alternam entre a recomendação de substituição ou anulação do Supremo Tribunal Federal, que pedem pela volta da ditadura militar ou “intervenção federal” fato que ocorreu durante as manifestações bolsonaristas. Também, repudiam a corrupção e impunidade e “a frase ‘direitos humanos para humanos direitos’ serve como síntese para expressar que o Estado só age de maneira mais bruta ou viola direitos daqueles que não são ‘pessoas de bem’” (Kalil, 2018, p.14).

No segundo, *nerds, gamers, hackers e haters: A construção de um mito*: neste perfil há uma alta notabilidade entre os jovens, em sua maioria homens entre 16 e 34 anos. Dedicam-se

em fóruns, jogos on-line, sites de cultura pop, portais de notícias e ações cibernéticas. Em sua pré-campanha e durante seu governo foram os principais intermediadores que atuaram mais ativamente nas redes digitais o que atingiu mais notoriedade do ex-presidente. A partir dessa onda de engajamento os meios digitais tornou-se um forte aliado para divulgação de canais, páginas e comunidades bolsonaristas que se identificam com o movimento atuante nas redes. A figura formada a partir do bolsomito mais conhecido entre seus apoiadores de (o mito) através dos memes que repercutiram nas redes sociais. Segundo, repudiam e fazem “campanhas de assédio on-line contra perfis progressistas, feministas, lésbicas e gays” (Kalil, 2018, p.15).

No terceiro, *influenciadores digitais Liberais e Conservadores “salvando o Brasil de se tornar uma Venezuela”*: o perfil composto de influenciadores digitais meritocratas, que geram e criam conteúdos digitais para as plataformas tais como Youtube, Instagram e Facebook estabelecem semanalmente conteúdos específicos de notícias para os inscritos ou membros que acompanham os comentaristas ou informativos acerca da atualidade. No geral são pessoas que foram militantes de esquerda, comunistas, ateus e entre outros que perderam o interesse e assumiram forte resistência e posicionamento a eles, que incluem celebridades e jornalistas/pensadores. Da mesma maneira, repudiam comunismo, ideologias de esquerda, movimentos sociais de minorias sociais e “têm como característica um forte sentimento antipetista e contra corrupção” (Kalil, 2018, p.21).

## **2.2. Bolsonarismo a partir da nova direita**

Rocha (2018) estudou organizações brasileiras de direita e não usou o vocábulo “bolsonarismo”, mas faz um breve percurso de como as novas direitas consolidaram-se através das identidades coletivas comuns.

A partir de interações e conflitos entre grupos políticos, mudanças nas estruturas de oportunidades políticas que criam momentos mais propícios para a ação de determinados grupos e, nos últimos anos, a habilidade no uso (e a própria lógica) das mídias sociais, fatores que considero terem sido cruciais para o boom das novas direitas no Brasil em meio ao ciclo de protestos pró-impeachment de Dilma Rousseff (2014-2016). (Rocha, 2018, p.49).

Os meios de comunicação foram um dos fatores primordiais nas organizações das novas direitas. Segundo a autora, elas surgiram na internet, muito antes da reeleição de Dilma em 2014, com o uso das redes sociais como "fóruns de discussão, blogs, sites e comunidades [...] em que se discutiam temas relacionados ao livre-mercado, à defesa de valores cristãos e à

conjuntura política nacional e internacional” (Rocha, 2018, p. 49). Ademais, após a grande divulgação nos jornais sobre o escândalo do Mensalão, a militância de direita passou a ter nas manifestações contra a corrupção e o Partido dos Trabalhadores (PT) o lado mais positivo nos anos posteriores; “[...] manifestações de junho de 2013 e a popularidade de Dilma Rousseff despencou, as direitas começaram a conquistar mais adeptos e simpatizantes [...] oportunidades políticas decisiva para as direitas foi a reeleição de Rousseff” (Rocha, 2018, p. 51).

Conforme a tese de Rocha (2019) sobre a formação da nova direita brasileira, ela se fortificou por mais de uma década e alcançou sustentação por meio de “redes de contato” influentes e cruciais para a sua construção. A autora desenvolveu uma reconstrução política desde a década de 1940 até as eleições de 2018, quando se estabeleceu a nova direita ao poder. “Foi justamente durante esses anos que surgiram na internet grupos de oposição ao governo que não se sentiam representados pelos partidos de centro-direita e direita tradicionais” (Rocha, 2019, p.17). O foco principal da sua pesquisa baseia-se no contra-público ultraliberal, pois foram os primeiros a coordenar de modo institucional no decurso do auge do lulismo, no qual foi um processo decisório para o fortalecimento de novos adventos políticos que foram relevantes para a constituição da nova direita.

Além de que, com a popularização da internet o advento de contra-público ampliou-se o que poderia ser chamado de grupos que passaram a operar, sobretudo, a partir de recursos digitais que são constituídos por pessoas contra posição cultura, política, ideológica e afins. Outrossim, mais especificamente, Rocha (2019) aponta os membros da nova direita brasileira em formação no período de 2006 até 2015.

Segundo a autora, a formação da nova direita deu-se no auge do lulismo no período 2006-2010, a começar com os membros contra-públicos digitais que atuavam na rede social mais conhecida na época, o Orkut. Já em 2011-2012, gradualmente os insatisfeitos com o lulismo passaram a ocupar as ruas. Em junho de 2013, com o avanço das manifestações massivas em desafio às instituições política que reuniu milhões de pessoas nas ruas, permitiu uma maior expressão desses grupos. No entanto, foi apenas com a reeleição de Rousseff em 2014 que a nova direita passou a concretizar-se com o início do primeiro protesto pró-impeachment.

A despeito disso, o primeiro protesto, que marcou o início da Campanha pró-Impeachment, reuniu, de acordo com a imprensa, cerca de 2,5 mil pessoas munidas de bandeiras do Brasil e cartazes com dizeres como “Fora PT”, “Fora Dilma” e “Fora corruptos”. Estavam presentes também outros grupos e movimentos que, a princípio, não faziam parte das redes da militância ultraliberal, entre os quais estavam grupos intervencionistas e membros dos ROL, de Marcelo Reis. Foi assim que, pela primeira



vez, os ultraliberais, os Revoltados Online, e outras figuras icônicas da nova direita em formação, como Eduardo Bolsonaro, Lobão, e Olavo de Carvalho, se uniram em torno de pautas em comum. Esse momento foi um marco a partir do qual teve o início o processo de consolidação da nova direita (Rocha, 2019, p.167).

Bem como, explica que a comunidade dos “Revoltados Online” do oposto das comunidades gerada na metade dos anos 2000, formou-se os contra-públicos digitais em que constituiu a nova direita após 2010, quando tensões políticas caracterizaram a manifestação da insatisfação vinculada a corrupção e ao escândalo do PT de modo que tornou-se expresso através dos atos tumultuosos nas ruas a partir das manifestações de junho de 2013 onde conduziram temas acerca da anticorrupção.

A consolidação da nova direita deu-se no período de 2016-2018. A partir daquele momento, com a entrada de Jair Bolsonaro e de seus filhos no PSC (Partido Social Cristão), houve um fortalecimento do partido que formou um novo papel ideológico mais objetivo e perceptível, marcado posteriormente de um “candidato à presidência” que representaria a juventude tradicional por meio de um partido indicado como de direita conservadora. Porém, por motivos de desentendimentos internos, com o segundo Partido Patriota em que se filiou, passou novamente a trocar para o Partido Social Liberal (PSL). “Refratários ao político, os ultraliberais decidiram então sair do partido e ingressar no Partido Novo, onde se concentra atualmente a maior parte da militância ultraliberal que se reunia nas comunidades do Orkut” (Rocha, 2019, p.190). Assim, a partir de 2018, firmou-se uma nova direita brasileira moldando-se mediante a atuante frente ultraliberal-conservadora.

Rocha (2019) destaca três fatores para esclarecer a formação do “contra-público e o êxito na organização de uma militância de base: 1) “a presença precoce em fóruns e redes sociais digitais de jovens universitários e profissionais liberais das classes média e alta que possuíam interesse pelo liberalismo econômico” (Rocha, 2019,p.2); 2) a precedência formada por uma rede de “defesa política” liberais que fornecem a assistência financeira e organizacional à militância em formação; e 3) “mudanças na estrutura de oportunidades políticas relacionadas aos protestos de Junho de 2013, e à reeleição de Dilma Rousseff” (Rocha, 2019,p.2-3).

Além disso, o ultraliberalismo fortaleceu-se para além das redes, constituindo mais apoiadores entre seus militantes gerando uma “identidade coletiva” com relação à defesa radical e moral do livre mercado, “a formação de laços afetivos a partir da formação de uma identidade coletiva também foram decisivos para reforçar o pertencimento ao contrapúblico ultraliberal, e a permanência das organizações e grupos de militantes” (Rocha, 2019, p.19). Os espaços em

comum de debates cooperaram para organização de grupos de estudos universitários e de profissionais liberais de classe média; juntamente com os militantes provenientes da internet que coordenavam comunidades em redes digitais, assim como os protestos e manifestações de rua.

O bolsonarismo não deve ser caracterizado como algo isolado, mas como resultado da mudança na sua conjuntura política e ideológica mundial concernente ao reflexo de lideranças populistas de extrema direita, “[...] porque no Brasil traços como autoritarismo, personalismo e clientelismo permanecem ainda fortes e determinantes no modo de funcionamento do complexo institucional [...]” (Hoffmann, 2022, p. 08).

Quanto às mídias sociais, elas assumiram grande protagonismo na política brasileira, nesse aspecto nota-se também o avanço da comunicação política da extrema direita através das desilusões do sistema político e perdas econômicas. O bolsonarismo resulta no antagonismo cultural, através dos choques identitários estratégicos de discurso e declarações polêmicas por meio das redes digitais, bem como gera elevado conflito político que “são também cortina de fumaça e conteúdo para alimentar sua base de apoiadores” (Hoffmann, 2022, p.17).

Cesarino (2020) tem abordado o fenômeno político do bolsonarismo como um mecanismo discursivo e de tática política, referindo-se ao populismo digital como o instrumento midiático que caracteriza “[...] o seu caráter relacional, binário, reducionista, performativo, negentrópico, eficaz e, a depender da situação, autopoietico” (CESARINO, 2020, p. 102). Cesarino (2020, p. 97) em sua pesquisa que resultou em parte on-line, no campo digital bolsonarista por meio do WhatsApp, através de conteúdos coletados por intermédio de uma interlocutora que, recebia uma intensidade de materiais compartilhados diariamente, assim como também por outros meios de redes digitais bolsonaristas como sites de notícias, vídeos no YouTube, posts no Facebook ou Twitter em que foram realizadas as observações.

É importante apontar os resultados do levantamento sobre a questão das mudanças inseridas na esfera pública, tanto por meio da memética da campanha como por meio de declarações transmitidas por lives, ferramentas com o objetivo de transmitir informações ao seu público-alvo e que, por vezes, são consideradas como o único meio verídico de comunicação. O elemento distinto da efetividade do populismo digital é destacado como topologia fractal no formato digital, “[...] o líder distribui o próprio mecanismo populista para seus seguidores, que passam a reproduzi-lo de modo espontâneo” (Cesarino, 2020, p. 105). Uma fractalização de caráter digital de uma realidade dicotômica, por exemplo, entre individual-coletivo.

Os próprios usuários incorporaram o mecanismo populista e passaram a (re)produzir seus padrões de linguagem digital. Em outras palavras, as mídias digitais bolsonaristas não são apenas um veículo de comunicação entre líder e povo enquanto emissor e receptor dados de antemão: elas são o sistema líder-povo (Cesarino, 2020, p. 105-106).

Cesarino (2020) explana que desde o começo o mecanismo populista bolsonarista procurou determinar limites ao acesso do “povo” na esfera pública de modo que diversas vezes os conteúdos sinalizados à deslegitimação do seu governo pela imprensa profissional foram contrariados ou contestados. O WhatsApp, Telegram e outras plataformas tornaram-se meios de veracidade e liberdade de expressão, à medida que a esfera pública passou a ser acusada de mentiras e falsificação de notícias, algo que a pesquisadora (2020, p. 107) interpretou afirmando que “acredito que esta seja uma das bases da eficácia da campanha de Bolsonaro”. Porquanto, distinguir o que é mídia oficial e rumores ficou cada vez mais difícil, são como bolhas digitais que causam desordem informacional, por outro lado, oportuno para discursos populistas que prometem ordem à desordem.

### **2.3. Bolsonarismo e a Militarização**

Passos (2021), em seu apontamento intitulado *militares e política no governo de Jair Bolsonaro*, buscou contribuir com a explicação do impasse no que diz respeito ao retorno dos militares à política no Brasil. A partir da atuação ao cargo da presidência, Jair Bolsonaro agregou durante seu governo um número significativo de militares em postos civis da administração pública, “cerca de seis mil militares, sendo três mil da ativa, também participam do governo cedidos pelo Ministério da Defesa” (Passos, 2021, p.219). O problema abordado ao desvio de função dos militares que, por outro lado, estão atuando em assuntos distintos, integrando ao serviço de infraestrutura, a comunicação e a justiça. Além disso, a participação ativa de militares na política conduziu à adesão de membros de alto escalão ao projeto do governo.

Conforme a autora esclarece, a instituição por sua vez reforça a vantagem dos atores políticos que estão formando, assim, a composição do controle político condicionado a grupos de militares que apoiam aos valores ideológicos de interesse e identificação defendido pelo governo. Ainda que o controle político das instituições militares perdure por pouco tempo, desestabiliza o controle civil em relação aos militares.

Martins Filho (2019), por sua vez, busca compreender a participação dos militares no governo do ex-capitão do Exército à medida que “concentra” para si poder e privilégio, inclusive considerando os embates entre o presidente e alguns generais. Nesse sentido ainda

durante a candidatura do ex-capitão e após a vitória para presidência, perfis de oficiais da ativa manifestaram “indisciplina” que antes alguns demonstravam através de falas sem moderação, passou-se a inundar as redes digitais. “Durante os duzentos primeiros dias do novo governo, os tuítes militantes continuaram, com críticas a posições dos partidos de esquerda, poderes Legislativo e Judiciário” (Martins Filho, 2019, p. 181). Essa manifestação da base das Forças Armadas contorna-se em potenciais forças dependendo da propensão do Presidente. Por sua vez, “eleito presidente, há indícios de que continua e continuará a cultivar seu eleitorado cativo. [...] Seu entorno mais próximo procurou emitir sinais de que o presidente estava do lado dos oficiais em início de carreira, praças, cabos e sargentos insatisfeitos” (Martins Filho, 2019, p.184).

Em outra vertente, Lentz (2022) explica que há três hipóteses entre a relação dos militares e o governo do ex-presidente: 1) governo das milícias, 2) ascensão do partido militar e 3) segurança nacional voltada para o poder político militar. “Relações entre a mentalidade da ‘linha-dura’ da ditadura e a racionalidade da família Bolsonaro e seus apoiadores” (Lentz, 2022, p.317) uma forma de mentalidade miliciana que resultou na política em seu ponto extremo alcançando à presidência que, o autor denomina como hipótese, a “Era Bolsonaro: a república das milícias”.

Desse modo, a militarização da política culminou com governos de direita, mas obteve seu auge com o governo Bolsonaro. É um fenômeno enraizado na formação democrática brasileira, o qual se reorganizou e ganhou forças para o seu retorno; ocupando cargos de confiança no governo, com a distribuição de funções para instituições que organizam o universo militar do Brasil, o que auxilia a entender a relação entre do governo Bolsonaro e os militares e policiais que constituem o campo social do bolsonarismo dentro do Estado, tendo em vista que “a ocupação desses cargos na representação política miliciana é uma prática característica na ‘era Bolsonaro’” (Lentz, 2022, p.333).

O próximo capítulo será apresentado um conjunto de elementos que elencam como os perfis bolsonaristas agem no grupo do Telegram e a forma como a extrema direita estrutura sua subjetividade muito difundida no espaço digital. É importante que se entenda sua representação, mediante o período eleitoral de 2022 que se sucedem como tomada de decisão, diante dos impactos negativos da desinformação através das plataformas digitais.

### 3. PARTINDO DE UMA INVESTIGAÇÃO

#### 3.1. Coleta de dados: imersão ao grupo

Ferraz (2019) explica que os fenômenos sociais que resultam do ciberespaço, além de um campo de interação social, a rede on-line produz e reproduz comportamentos e padrões culturais e sociais contemporâneos. Dessa maneira, ela ressalta que “[...] a internet se apresenta como um objeto de estudo passível de ser analisado por diversos prismas, permitindo a produção de teoria reflexiva aos pontos centrados pelos estudos etnográficos” (Ferraz, 2019, p.55). Elucida ainda que, a observação on-line tais como ingressar nos grupos ou comunidades virtuais é o primeiro passo para o pesquisador se aproximar de seu objeto de estudo “olhar o ambiente on-line, apresentando uma série de mecanismos múltiplos e distintos, os quais vão gerando quadros de atividades, símbolos e significados, em que diferentes visualizações se movem para observar e dar conta de todos os dispositivos dispostos no campo” (Ferraz, 2019, p.60).

Para realizar a análise por meio da coleta de conteúdo classificatório foi realizado o backup das conversas do grupo para melhor organização do material. Isto foi feito através do Telegram Desktop, por meio da aba “exportar histórico do chat” (na qual é possível ter acesso as fotos, vídeos, mensagens de voz, stickers, gifs e arquivos em formato de HTML), que posteriormente foram armazenados em um HD externo. O backup foi realizado em dias em que o grupo estava mais ativo ou movimentado, ressalta-se nesse sentido a impossibilidade de realizar 100% (cem por cento) do armazenamento dos materiais, dada a extensa quantidade de conteúdo compartilhado no grupo do Telegram.

Destaca-se que na plataforma/aplicativo existe uma ferramenta (lupa) de busca em que é possível fazer pesquisa no Telegram por palavra-chave, temática dos contatos, mensagens do usuário ou realizar uma pesquisa global. Com isso, pesquisou-se canais com temáticas de apoio ao Jair Bolsonaro, em meados de março no ano 2022, período em que os canais de apoio estavam em constante avanço e fortalecimento.

Analisou-se o canal Fechados com Bolsonaro 2022, que soma 41.833 inscritos (o qual não há interação com o público), e o grupo Exército Bolsonaro, que soma 31.276 inscritos (o qual há interação entre os integrantes). Ambos são públicos, ou seja, os links estão disponíveis na descrição do grupo para entrada voluntária, sem a necessidade de contatar os administradores

A título de demonstração, armazenou-se duas pastas dos conteúdos coletados na plataforma do Google Drive<sup>4</sup>. Decidiu-se ter como foco da análise o canal vinculado ao grupo de interação (bate-papo) sobre as eleições presidenciais 2022, o grupo tem a proposta de compartilhar informações sobre elas, mas nota-se que houve outros assuntos abordados durante o período de observação, considerando que não existe um tema padrão tratado neste grupo. O período da coleta e observação correspondeu ao mês de março até setembro do ano de 2022.

Para melhor desenvolvimento do trabalho, através da análise dos materiais coletados, separou-se quatro tópicos que se destacaram, uma vez que representam de maneira significativa o sentido que os sujeitos atribuem para liberdade, reconhecimento e identidade. São eles:

- 1) Regras do Grupo;
- 2) Bloqueio do Telegram;
- 3) O preço da traição;
- 4) Motociata.

Após a entrada no canal/grupo há uma recepção através do “*bot adm*” automático contendo as regras do grupo de bom convívio. A organização do grupo, após a entrada de um membro, adverte que em caso do descumprimento das regras o membro estará sujeito a advertências e/ou banimento. Salienta-se que a meia-noite o “*bot adm*” (modo noturno iniciado) é ativado para encerrar postagens no grupo.

A Figura 1 representa o grupo escolhido para análise e desenvolvimento desta pesquisa. A descrição informa “Grupo de apoiadores do Presidente Jair Bolsonaro” e os canais informativos colaboradores que publicavam diariamente notícias, informações e opiniões. Não foi possível identificar os responsáveis ou autores dos canais/grupos porque por muitas vezes suas identidades eram mascaradas por *bot* ou perfis *fakes*/anônimos.

---

<sup>4</sup> [https://drive.google.com/drive/folders/1\\_zejR-ba9mxCasYTMD3e-rGTirDaUFuR?usp=share\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1_zejR-ba9mxCasYTMD3e-rGTirDaUFuR?usp=share_link)

Figura 1- GRUPO (BATE-PAPO) INTERLIGADO AO CANAL (NOTÍCIA)



Fonte -Elaborado pela autora, com dados extraídos do Telegram (2022).

## 3.2. Tratamento dos resultados e interpretação

### 3.2.1. Regras do Grupo

Figura 2- MODO DE ORGANIZAÇÃO DO GRUPO



Fonte- Elaborado pela autora, com dados extraídos do Telegram (2022).

Do total de 16.<sup>a</sup> regras<sup>5</sup> do grupo Exército do Bolsonaro destacam-se quatro regras para ilustração:

**Quadro 1** – Regras de bom convívio do grupo.

**8º Fake News**

Não compartilhar notícias, vídeos ou imagens sem comprovar sua veracidade. Posts com notícias falsas, sem fonte, e de esquerda serão apagados;

**9.ª Matérias de mídias esquerdistas**

Não postar matérias de mídias esquerdistas. Ex. Estadão, Folha de São Paulo, O Globo, Globo.com, Antagonista, Crusoé, UOL, Brasil 247, Veja, Exame, Vem Pra Rua, Revista Fórum, entre outros;

**12º Proibido ClickBait<sup>6</sup>**

O que é Clickbait?

É todo o tipo de conteúdo, seja ele texto, vídeo ou imagem, criado somente para servir como isca de cliques.

Sua tática consiste em usar títulos sensacionalistas e exagerados como isca, para que as pessoas cliquem em seu conteúdo;

**13º Proibido Flood<sup>7</sup>**

O que é floodar?

Encher um chat online com a mesma mensagem repetidamente várias vezes seguidas. Enviar mais de 5 mensagens repetidas resultará em ser silenciado por um período de tempo impossibilitando de participar do grupo.

Fonte - Elaborado pela autora, com dados extraídos do Telegram

Por mais que haja a política de bom convívio, não é possível garantir que todos irão cumprir as regras. A estratégia que se segue é de evitar conflitos ou ignorar polêmicas, logo, a forma mais amigável para direcionar-se a assuntos que estão em pauta, resulta em tom mais de humor e entretenimento.

Segundo a pesquisa de *INTERNETLAB<sup>8</sup> E REDE DE CONHECIMENTO SOCIAL<sup>9</sup>* (2021), cerca de 42% das pessoas confirmam ter enviado notícias sem ter verificado a fonte do material. Tal resultado explica a sensação de “liberdade” dos usuários na condução da operação do aplicativo, pois parte de um sistema que circula entre os grupos/canais que de modo algum

<sup>5</sup> <https://telegra.ph/IMPORTANTE-05-13-2>

<sup>6</sup> Em tradução livre “caça-cliques” cujo propósito é atrair atenção do usuário para uma determinada página da web a fim de gerar tráfego online por meio de conteúdo falso e ilusório.

<sup>7</sup> Em tradução livre “inundar” tornou-se uma expressão para definir diversos conteúdos irrelevantes postados sucessivamente na internet ou redes digitais com a finalidade de prejudicar ou incomodar.

<sup>8</sup> O INTERNETLAB é um centro independente de pesquisa interdisciplinar que promove o debate acadêmico e a produção de conhecimento nas áreas de direito e tecnologia, sobretudo no campo da Internet. Constituído como uma entidade sem fins lucrativos, o InternetLab atua como ponto de articulação entre acadêmicos e representantes dos setores público, privado e da sociedade civil, incentivando o desenvolvimento de projetos que abordem os desafios de elaboração e implementação de políticas públicas em novas tecnologias, como privacidade, liberdade de expressão e questões ligadas a gênero e identidade (SOBRE. INTERNETLAB: [s. n.], 2014- . Disponível em: [internetlab.org.br/](http://internetlab.org.br/). Acesso em: 20 out. 2022.).

<sup>9</sup> Rede Conhecimento Social traga em seu DNA a expertise de colocar a serviço da sociedade o uso de pesquisas e promover múltiplas formas de produção e disseminação de conhecimento para fins sociais como práticas formativas e métodos para fortalecimento de territórios e causas. (QUEM SOMOS? [S. l.]: Rede Conhecimento Social, 2016- . Disponível em: [conhecimentosocial.org/](http://conhecimentosocial.org/). Acesso em: 20 out. 2022.)



é problematizado. A ascensão do Telegram se deu pela garantia de segurança e privacidade dos dados a qual o aplicativo oferece, facilitando assim, o anonimato dos usuários sobre a livre abordagem de qualquer assunto. Porquanto, visto que contribui na multiplicação de desinformação de forma muito bem executada, organizada e monetizada/financiada.

### I. “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”: Matérias de mídias esquerdistas

Vale lembrar da frase bíblica usada com frequência durante os discursos de Bolsonaro ao afirmar que sua munição de ataque é a “verdade”. Analogia inteiramente distorcida ao revelar sua verdadeira intenção que o leva ao caminho de que “eu sou a verdade, vos libertarei”, o colocando no centro de fala exclusiva e fortalecendo seus meios de comunicação, inclusive, atraindo uma multidão nos canais digitais administrados por sua equipe.

Figura 3- RESTRIÇÃO DE MÍDIAS ESQUERDISTA



Fonte - Elaborado pela autora, com dados extraídos do Telegram (2022).

No grupo de bate-papo houve restrição ao acesso de materiais, isto é, da imprensa escrita ou canais de notícias tais como Veja, Uol, Folha de São Paulo, O Globo entres outros. Por longo período, pautas que eram contra os posicionamentos do presidente recebiam sua desaprovação por meio de ataques digitais em que desqualificava a veracidade das informações por intermédio de acusações e declarações intimidadoras. Ao mesmo tempo, com o engajamento dos seus canais digitais, que marcavam fortemente sua presença on-line com interações sistemáticas com os usuários que o acompanhava, movimentava seus seguidores no grupo

“Exército Bolsonaro” que eram moldados segundo direcionamentos que recebiam, o que refletia nos posicionamentos que iriam prever para direcionar os próximos dias.

## II. “Ondas” Flood e Clickbait nas Redes Digitais

Outro fenômeno importante é a circulação do *flood* (inundar) no grupo, o qual é definido como aqueles conteúdos repetidos continuamente e que tornam o ambiente “poluído” a ponto de dificultar a percepção da legitimidade do conteúdo ou informação. Constatou-se durante as observações, o envio de imagens dos administradores informando de que as mensagens (histórico do grupo) iriam ser excluídas, isto é, como uma forma de organização do grupo.

O termo *Clickbait* (isca para cliques) inspirou uma minissérie da Netflix que apresenta como analogia episódios que retratam situações benéficas e/ou maléficas que podem ocorrer por meio do acesso aos meios digitais, o indivíduo não consegue identificar sua real veracidade de modo provocativo e ambíguo, isto é, induz a pessoa do outro lado da tela a “clicar” em uma notícia ou vídeo, com a intenção de enganar, confundir, trapacear, atrair. Um cenário em que o “condenado” é levado ao tribunal (internet) e os juízes (usuários) das redes digitais têm o objetivo de puni-lo ou inocentá-lo.

Desse modo, verificou-se a recorrência do uso do *Clickbait* (caça-cliques), que são links de direcionamento externo, os quais eram enviados frequentemente pelos administradores, parceiros e membros do grupo todos os dias. Os links de acesso redirecionam o usuário para sites (fórum informativo), notou-se a existência de links que resultavam em conteúdo indisponível ou direcionava para outro tema distinto de sua prévia descrição quanto ao assunto da matéria.

É necessário destacar que, durante a observação, conteúdos sem fontes, notícias falsas, desinformação e links com *Clickbait* foram constantemente compartilhados, encaminhados e reproduzidos. Nas poucas vezes que os membros foram questionados sobre a fonte do material compartilhado, ocorreram indagações a respeito de tratar-se de um membro esquerdista “infiltrado”. A frequência dos diálogos entre os membros é muito menor em comparação aos conteúdos enviados (meme, vídeo, links e imagem).

Os eleitores bolsonaristas atuavam de forma autônoma para engajamento ativo de interconexão informacional, em que os participantes imergem em um universo de “afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de

troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas” (Lévy, 2010, p.130). O autor destaca três princípios que estabelece o ciberespaço:

A interconexão para a interatividade é supostamente boa, quaisquer que sejam os terminais, os indivíduos, os lugares e momentos que ela coloca em contato. As comunidades virtuais parecem ser um excelente meio (entre centenas de outros) para socializar, quer suas finalidades sejam lúdicas, econômicas ou intelectuais, que seus centros de interesse sejam sérios, frívolos ou escandalosos. A inteligência coletiva, enfim, seria o modo de realização da humanidade que a rede digital universal felizmente favorece, sem que saibamos a priori em direção a quais resultados tendem as organizações que colocam em sinergia seus recursos intelectuais (Lévy, 2010, p. 135).

Vale ressaltar que era possível ter o acesso a todos os conteúdos e “histórico do grupo” até o mês de junho de 2022, pois a função que deleta mensagens foi ativada no mês de julho pelos administradores do grupo, o que impede os usuários de consultarem o histórico de publicações. O tempo máximo das mensagens disponíveis no grupo é no máximo um dia, após esse período todas as mensagens são autodestrutivas.

Diariamente foram mais de mil mensagens de conteúdos digitais compartilhados constantemente através da difusão de textos, vídeos, memes, áudios, links de redirecionamento externo. Conteúdos que se dedicavam em transmitir sobre o avanço da campanha do Bolsonaro através dos compartilhamentos de diários de notícias, matérias, avisos urgentes, convocações, fórum informativo, declarações, eventos, programações, discursos e acontecimentos atuais.

Além disso, mesmo que fossem “livres” para compartilhar e produzir conteúdo, os membros pareciam seguir um tipo padronizado, como uma bolha digital que circula entre outros grupos e plataformas, organizando uma forma de dinâmica de controle dos conteúdos publicados.

O YouTube foi um grande aliado como fonte digital de informação em que links de canais de pessoas anônimas eram compartilhados. Dessa forma, a partir das facilidades que a plataforma hoje oferece, uma vez que qualquer indivíduo pode criar um canal no YouTube para falar sobre qualquer assunto de interesse pessoal, conforme o crescimento de inscritos no canal e o número de visualização dos vídeos a plataforma gera a monetização dos vídeos mais acessados.

A pesquisa realizada por Cesarino, Nascimento e Fonseca (2022) revela que o Telegram é um dos protagonistas na distribuição de desinformação. Em entrevista para o portal Infoamazonia, o pesquisador Leonardo Nascimento, explica que:

A partir das análises de mensagens compartilhadas em grupos públicos no Telegram, percebemos que não tem como compreender o Telegram sem entender as outras plataformas e vice-versa. Não adianta olhar e resolver uma delas, porque não vai funcionar. Essa foi uma das nossas descobertas, que chamamos de ecossistema de desinformação multiplataforma (Portal Infoamazonia, 2022).

Diante disso, navega-se entre um ecossistema midiático multiplataforma, através das plataformas digitais. A plataforma de mídia móvel, a saber, os smartphones e tablets, são os executores desse sistema de circulação e distribuição de notícia e desinformação. Ademais, significa que o funcionamento interno da circulação de conteúdo é um elemento fundamental para compreender como os usuários estão consumindo e interagindo entre as plataformas.

Castells (2017) destaca sobre a transformação do mundo na sociedade em rede, enfatiza que a comunicação tem passado por transformações tecnológicas, bem como em sua forma de organização. O autor chama de “autocomunicação de massa”, ou seja, baseado em redes horizontais e redes de comunicação sem fio (principal plataforma) operando de forma multidirecional de interação na internet. O novo cenário, como estrutura social da sociedade em rede, tornou-se um espaço de autonomia nos ambientes virtuais em que “as redes sociais digitais baseadas na internet e nas plataformas sem fio são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir” (Castells, 2017, p.199).

### 3.2.2. Bloqueio do Telegram

Figura 4- REDES BOLSONARISTAS (Apps similares)



Fonte – Elaborado pela autora, com dados extraídos do Telegram (2022).

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) solicitou no dia 18 de março de 2022 o bloqueio do Telegram no Brasil por motivos de descumprimentos de ordens judiciais. Após a

medida, outras foram tomadas para evitar a disseminação de notícias falsas e restrições de canais/grupos de quem insistir na prática de *Fake News*.

Ainda, na mesma data mencionada, foi compartilhado o link no canal “Fechados com Bolsonaro 2022” via portal informativo *New atual* (colaborador) sobre a suspensão do Telegram. A organização do grupo (bate-papo) se deu com uma lista dos possíveis aplicativos para migração dos eleitores do grupo em caso do bloqueio definitivo do Telegram, o aplicativo escolhido pelos administradores para a migração foi o Gettr<sup>10</sup>.

Outro episódio foi a mudança do nome e imagem do perfil do grupo, simbolizado pelo animal “texugo”, que é reconhecido como um dos animais mais corajosos e ferozes. Ratel (texugo-do-mel), símbolo mascote do conservadorismo, é o animal destemido de quem compra briga e de destruição revolucionária que os apoiadores bolsonaristas usam como analogia ao Bolsonaro. Em vista disso, a divisão de poderes tornou-se projeto de governo como alvo estratégico político em direção ao Congresso Nacional.

A princípio causou um alvoroço entre os membros, pois sem entender as causas das alterações, cogitaram ser alguma censura e conseqüentemente gerando a saída de alguns participantes do grupo. Abaixo, os comentários dos respondentes membros do canal/grupo após o bloqueio do Telegram.

**Quadro 2** - Comentários de apoiadores de Bolsonaro que relaciona o bloqueio do Telegram como um ataque à liberdade.

01: Certamente querem dificultar o avanço da campanha do Presidente através das redes sociais. Em especial o Telegram por não ser uma plataforma de esquerda. [comentários]

02: Alguns membros da Polícia Federal estão demonstrando compactuar com a censura. Um absurdo. E o STF, na pessoa do sinistro, vai cometendo mais uma ilegalidade. Forças armadas, a censura já chegou ao limite. Na minha opinião, está na hora de agir contra as ilegalidades, prendendo os bandidos travestidos de ministros. [comentários]

03: Estão fortalecendo a candidatura de Bolsonaro, o único q defende a liberdade de seu povo. [comentários]

04: Toda atenção voltada ao Telegram, até quem não usava está procurando conhecer. Vai dar na mesma coisa que outras manobras infelizes para calar o PR: a massa vai crescer mais ainda. [comentários]

05: Isso que é ditadura, STF são os verdadeiros ditadores, não deixa ninguém ter liberdade de expressão, depois falam que vivemos democracia. [comentários]

---

<sup>10</sup> O App GETTR é uma plataforma de mídia social que defende o livre pensamento. Combate a censura política, promete liberdade de expressão aos usuários, que podem divulgar e compartilhar, sem nenhum filtro as informações e notícias.

06: Esse camarada já ultrapassou todos os limites possíveis! Tá na hora de dar um basta nesse ditador e opressor da liberdade! [comentários]

Fonte - Elaborado pela autora, com dados extraídos do Telegram.

Os comentários revelam a insatisfação política e institucional destes eleitores, visto que a desconfiança quanto ao STF, Ministros e Políticos marcavam as eleições. Nesse sentido, observou-se que alguns usuários/membros do grupo classificavam como os “inimigos de Bolsonaro” em decorrência de situações antagônicas a sua forma de governo.

Diante disso, apesar do bloqueio e medidas contra canais/grupos antidemocráticos, foram usadas formas de burlar os bloqueios com números internacionais e alteração do VPN <sup>11</sup> (modo pelo qual camufla-se o IP da rede do Brasil com o de outro país). A plataforma derrubou grupos fortes que organizavam manifestações golpistas, ao mesmo tempo, o grupo “Exército Bolsonaro” foi bloqueado no Brasil, mas continuou funcionando fora do país apesar do menor engajamento.

Uma vez que vivemos em tempos de mal-estar democrático, marcado pela política estratégica demagógica cujo objetivo político do líder é alcançar poder e proceder seu próprio lucro, não pretendem produzir racionalidade, questionamento e o bem-estar social, conduz o povo conforme o interesse de um único grupo.

Neste sentido, uma democracia discrepante que atualmente organizam-se e conectam-se a partir de novos padrões de comunicação. Eleitores que se movem mais por fundamentos, interesses, motivos concretos, a saber, os partidos tornaram-se mais enfraquecidos no desempenho de autoridade e intermediação (Solano, 2018).

Segundo o levantamento realizado pelo *INTERNETLAB E REDE DE CONHECIMENTO SOCIAL (2022)* sobre a comunicação política em aplicativos de mensagens, os usuários dos aplicativos são aptos a distinguir em cada ambiente quais pessoas irão encontrar, bem como quais conteúdos ou ideias circulam no espaço digital.

O relatório destacou que em 2021 em “os tipos de grupos” apenas 34% dos usuários no Telegram participavam de grupos de amigos; 34% de trabalho; e 25% de notícias. Ademais, a pesquisa identificou que a relevância dos grupos de interesses específicos para cada tipo de público ganha mais visibilidade, um peso notório para maior engajamento dos usuários.

No Telegram, grupos ligados a interesses mais individuais ganham protagonismo: notícias, economia/negócios, temas de interesse, canais de políticos/artistas. Muitos

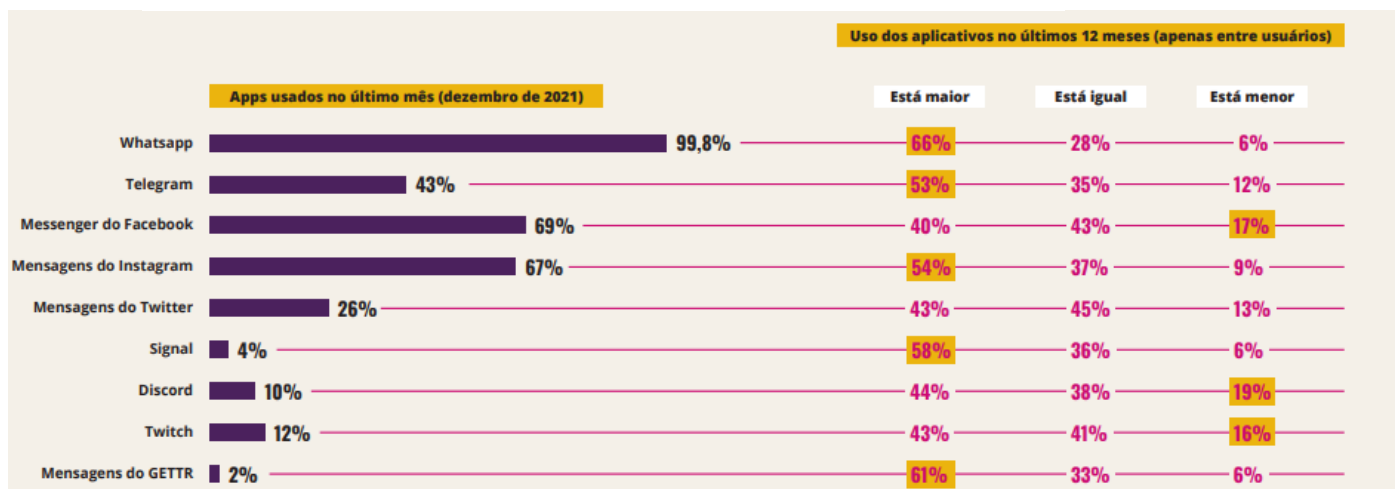
---

<sup>11</sup> Em tradução: virtual private network (Rede privada virtual).

desses, chamados de grupos, são canais dentro do aplicativo, em que as pessoas estão para receber conteúdos e não necessariamente para interagir (Internetlab e Rede de Conhecimento Social, 2022, p.21).

Segundo o levantamento realizado pelo *INTERNETLAB E REDE DE CONHECIMENTO SOCIAL (2022)* sobre a comunicação política em aplicativos de mensagens, os usuários dos aplicativos são aptos a distinguir em cada ambiente quais pessoas irão encontrar, bem como quais conteúdos ou ideias circulam no espaço digital.

Figura 5- AUMENTO NO USO DOS APLICATIVOS DE MENSAGEM



Fonte – Os Vetores da Comunicação política em aplicativos de mensagens: hábitos e percepções (2022).

Nota – InternetLab e Rede conhecimento social

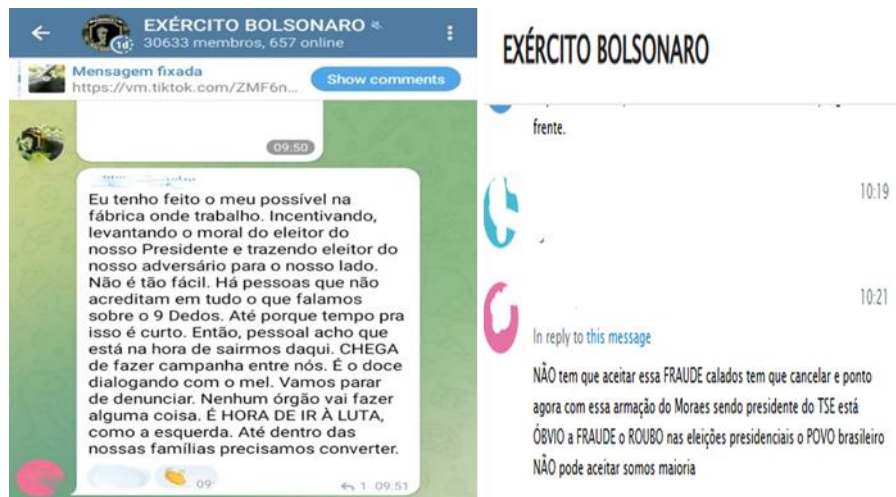
Segundo a base do relatório, torna-se interessante observar a frequência do uso dos aplicativos. Em dezembro de 2021 os (Apps mais usados) apenas entre usuários, em primeiro lugar, o Whatsapp apresentou-se com 99,8% e, em seguida, o Telegram com 43%, o que ratifica o aumento significativo do uso dos (aplicativos de mensagens) nos últimos anos. De acordo com o levantamento realizado por Nascimento, Cesarino e Fonseca (2022), é possível constatar que a repercussão do bloqueio do aplicativo gerou nos usuários pautas sobre o futuro do Telegram, “das vinte mensagens de texto mais compartilhadas no período, quatro tratavam do bloqueio do Telegram e de formas de contorná-lo, seja por meio de proxies ou migrando para outras redes” (Nascimento; Cesarino; Fonseca, 2022, p. 5). Além disso, apesar do possível monitoramento do Telegram, mensagens que são contra as diretrizes de funcionamento continuam circulando nos grupos.

O imperativo da transparência é: tudo deve estar disponível na condição de informação. Transparência e informação têm o mesmo significado. A sociedade da

informação é a sociedade da transparência. O imperativo da transparência faz com que as informações circulem livremente. Não são as pessoas que são realmente livres, mas as informações. O paradoxo da sociedade de informação é: as pessoas estão aprisionadas nas informações. Afielam elas mesmas os grilhões ao se comunicarem e ao produzirem informações. O presídio digital é transparente (Han, 2022, p.12).

Bem como, Han (2022) explica que na realidade há uma “dominação do regime de informação” que é oculta, conforme vai moldando-se em nossa rotina atrás da encoberta da mídia digital, o que gera uma ilusória liberdade. Mas o que fundamenta o ser “livre” é o ato de “cliquear, curtir e postar” sem nenhuma resistência.

Figura 6- PRINT DA CONVERSA



Fonte - Elaborado pela autora (2022).

A figura 6 ilustra uma conversa do usuário que pertencia ao grupo de apoio dos eleitores bolsonaristas. O trecho “[...] hora de sairmos daqui” refere-se à saída das redes digitais, a qual posteriormente resultou nas manifestações que ocorreram no Brasil, durante dia e noite acampados em pontos estratégicos, por exemplo, acreditando naquilo que Bolsonaro poderia fazer.

No grupo de bate-papo agiam de forma independente sem a necessidade da intervenção direta do Bolsonaro, cada pessoa passou assumir para si as rédeas do governo, com o intuito de invadir as sedes dos Três Poderes, ruas ou locais estratégicos em cada região. Isso mesmo antes dos resultados das eleições, os eleitores mais radicais já pensavam nas possibilidades de impulsionar “atos democráticos” independentemente da vitória ou derrota de Bolsonaro.



### 3.2.3. O preço da traição

Figura 7- CONTEÚDO ENVIADO NO GRUPO



Fonte - Elaborado pela autora, com dados extraídos do Telegram (2022).

A frase que dá título a esse tópico foi extraída da lista “O preço da traição” contendo 14 nomes selecionados como “traidores de Bolsonaro”, porém, apenas dois nomes da lista foram destacados: Dória e Mandetta. Compartilhado no grupo por um dos membros em forma de texto, porém havia também imagens, vídeos e conteúdos direcionados para esse tema. A seguir:

#### Quadro 3 – Texto enviado no grupo.

*\*Leia e Reflita\**

Veja a lista das pessoas que eram grandes e hoje não passam de um monte de esterco:

#### 12. Dória

Foi o grande aliado de Bolsonaro em 2018, eleito com o nome "Bolsodoria". Dizia que bandido bom é bandido morto. Assim que foi eleito, ficou do lado dos bandidos, contra a polícia. A soberba subiu o seu coração para derrubar Bolsonaro. Foi o maior hipócrita e sociopata, comprou a mídia para destruir Bolsonaro colocando-se como o Salvador da pandemia e Bolsonaro, o genocida. Se uniu ao PT, multou Bolsonaro com inveja para tentar INTIMIDAR nas motocicletas, em vão. Bolsonaro tornou-se líderes das ruas e Dória foi proibido de andar em São Paulo. Conseguiu 1% nas pesquisas, chorou e arregou na disputa para presidente pelo preço da traição.

Fonte - Elaborado pela autora, com dados extraídos do Telegram.

João Dória assumiu a prefeitura de São Paulo em 2017, em 2019 tornou-se governador do estado de São Paulo, nunca escondendo suas ambições presidenciais, contudo em maio de 2022 abandonou a vida política para se dedicar apenas ao setor privado. Sua eleição, em 2018, foi marcada pela aproximação ao presidente eleito Jair Bolsonaro. No entanto, logo depois eles acabariam se tornando adversários políticos, principalmente no período da pandemia no Brasil.

Durante a pandemia, a rivalidade entre Dória e Bolsonaro intensificou-se pela questão das vacinas. De um lado, Bolsonaro era contra as vacinas, negando por meses a eficácia da vacinação. Por outro lado, o governo de Dória destacou-se durante a pandemia com a compra e produção de vacinas contra a covid-19, antecipando o prazo da imunização da população.

Após romper o vínculo com o presidente Bolsonaro, Dória tornou-se o ‘traidor’, odiado pelos apoiadores de Bolsonaro e até mesmo por simpatizantes de seu então partido, o PSDB. Sua postura diante dos acontecimentos era vista como oportunista e desleal.

#### **Quadro 4 – Texto enviado no grupo**

##### **13. Mandetta**

Indicado para ser ministro da saúde, ficou do lado de Bolsonaro no início do governo, quando veio a pandemia, ele achava que poderia ser o salvador de vidas e no momento certo para destruir Bolsonaro e futuramente se tornar presidente do Brasil. Se uniu à esquerda, ficou do lado do tranca-tudo a economia a gente vê depois, matou milhares de brasileiros, se opondo a cloroquina por capricho e oposição a Bolsonaro, foi o responsável por demonizar o remédio que estava há 90 anos salvando vidas, simplesmente porque o remédio estava associado ao nome de Bolsonaro. Além disso, mandou o povo ficar em casa, aderindo a mentira da Rede Globo, só procurar o hospital quando estivesse morrendo sem fôlego. Milhares morreram e depois colocou a culpa em Bolsonaro. Mandetta hoje, foi apagado da vida pública, é um zero à esquerda pelo preço da traição.

Fonte - Elaborado pela autora, com dados extraídos do Telegram.

O médico e político brasileiro Luiz Henrique Mandetta assumiu o Ministério da Saúde no dia 1 de janeiro de 2019 e no dia 16 de abril de 2020 foi demitido do cargo após impasses com o presidente Jair Bolsonaro. A discordância deu-se pelo fato de o ex-ministro defender o isolamento social e posicionar-se contra o uso da cloroquina no combate ao novo coronavírus, postura que contrariava as recomendações do presidente Bolsonaro.

Bolsonaro manteve-se contrário às medidas de restrição, pois causariam forte impacto na atividade econômica. Ele foi a favor da reabertura dos estabelecimentos e defendeu que o isolamento social fosse aplicado somente para grupos mais vulneráveis. A crise entre ambos causou grandes conflitos na gestão do enfrentamento da Covid-19 que, por outro lado, resultou-se no duelo de quem os brasileiros deveriam seguir efetivamente os protocolos de segurança.

Dessa forma, Cesarino (2022) explica a formação tática de ação de públicos antiestruturais que mediam o ambiente em que se encontram maior parte dos usuários comuns. Para Almeida (2021, p. 428), “Bolsonaro encarna um povo simbólico, apresentando-se como sua expressão única, correta e verdadeira, e excluindo aqueles que com ele não se identificam” no que indica que o povo fará a escolha genuína, simbolizando a representação de um povo

messiânico para salvação do País. Nesse contexto entram os traidores, inimigos, bandidos na qual são contra ao governo e conseqüentemente ao povo que o segue.

No campo eleitoral incorporam a vontade de um público desiludido com a política, passam a produzir discurso de identificação. “O lema bolsonarista ‘Deus acima de todos’ exclui não só aqueles que com ‘Deus’ não se identificam, como também cultuam outras divindades” (Almeida, 2021, p. 430), igualmente destacam-se com a identificação simbólica e sentimental no que tange ao elemento representativo. A autora explica que o modelo utilizado para mobilização e comunicação mais direta com o seu público alvo são essenciais para compreender os riscos que demandam a representação simbólica em Bolsonaro.

Com isso, Almeida (2021) destaca dois elementos que contribuem para a percepção de tal fenômeno: 1) o primeiro trata-se da representação *simbólica e autoritária*. Líderes autoritários buscam por lugares que possam pertencer, aderem à sermões e discursos para mobilizar o público-alvo, assim, obter aliados de apoio político. “Na qual lideranças rompem com os canais tradicionais de intermediação política e se apresentam como outsiders, diferentes e capazes de encarnar a vontade dos insatisfeitos com a democracia” (Almeida, 2021, p. 432); e 2) representação *simbólica e novas tecnologias de informação* através da internet modificou-se o meio de comunicação e a estratégia política. Além do mais, estratégias que são voltadas para “audiências específicas” aplicadas por representantes para gerar efeito na audiência, concentram-se para si a representação “exclusivista” do público.

Para contextualizar a reflexão, o episódio intitulado *Odiados pela nação*, da minissérie Black Mirror, expressa como analogia o texto supramencionado (o preço da traição). O episódio apresenta temas de justiça e tecnologia que precisam ser examinados na sociedade, visto que são temas que a maior parte dos indivíduos não estão sabendo operar com responsabilidade. Em vista disso, tal “justiça” mascarada de repulsa e antipatia, aplicando-se aos meios tecnológicos, com o intuito de intimidar, reprimir, prejudicar de maneira inconsequente o ódio projetado em perseguição on-line.

O enredo desenvolve o primeiro caso de assassinato vítima de linchamento virtual cujo nome é Jo Powers. A colunista Powers estava sendo vítima de ataques de ódio, através de uma petição on-line, assinada por mais 200 mil pessoas solicitando sua demissão por ter publicado um artigo de opinião polêmico sobre um cadeirante.

A estória da investigação segue em torno de um bolo, enviado para jornalista por meio de serviço delivery. Na cobertura do bolo está escrito um “recado”: *fucking bitch*<sup>12</sup>. As

---

<sup>12</sup>*Fucking bitch*: em tradução literal, “maldita vagabunda”.

investigadoras descobrem quem encomendou o bolo, uma tutora de uma escola infantil, através do financiamento coletivo coordenado em um fórum de mães e responsáveis. Sua resposta para as investigadoras foi de que “usei minha liberdade de expressão”. A assistente investigadora questionou sobre o conteúdo das mensagens ser ameaçadoras e comenta sobre a tag #MorteA que viralizou na internet. A tutora de forma imparcial justifica ser só mais um jogo de hashtag usado para quem agiu de forma “idiota” e que não passava de uma “brincadeira”. Os próximos acontecimentos giram em torno das investigações de assassinatos.

Descobre-se que os fatos ocorridos são parte de uma “brincadeira”, nomeada como o “jogo das consequências”: se o nome de alguém envolvido em polemica for escolhido (mencionado) muitas vezes, essa pessoa será o próximo alvo eliminado. Dessa forma, através do linchamento virtual utiliza-se um post contendo o nome/foto do indivíduo e o engajamento é por meio da aplicação da tag #MorteA no tweet.

Pode-se resumir algumas questões que o episódio retrata, como o “jogo das consequências”, em relação a “lista dos traidores” que, como “consequência” ao tornarem-se “inimigos de Bolsonaro”, foram aniquilados dos seus cargos, mídia ou empregos como forma de punição, justificando em cada nome citado como resultado do “preço da traição” por seus atos.

De modo análogo, foi o que ocorreu com a Jornalista Patrícia Campos Mello, autora do livro *A máquina do ódio: Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital – 2020*, que se tornou alvo de ataques, ameaças e intimidação intensificados por milícias digitais depois de publicar uma série de investigação de financiamento de disparo em massa nas redes digitais.

No conceito de o enxame digital, “[...] diferentemente da massa, não é em si mesmo coerente. Ela não se externa como uma voz [...] por isso ele é percebido como barulho” (Han, 2018, p. 27). Da mesma forma que esse enxame é mais fragmentado e individualista, o autor define como uma sociedade da indignação e do escândalo, uma ação que elimina a reflexão e o raciocínio, pois tudo é imediato e não existe um olhar mais cauteloso. Para Han (2018, p. 30), “os seus paradigmas coletivos de movimento são, porém, como dos animais que formam enxames, muito efêmeros e instáveis”, acrescentando-se que são indivíduos diante da tela de seus smartphones com a finalidade de gerar nada mais que barulho lançados com o intuito de escandalizar.

**Figura 8- BOICOTE A EMPRESAS, BANCOS E MARCAS**



Fonte - Elaborado pela autora, com dados extraídos do Telegram (2022).

A figura acima sinaliza que além dos políticos o boicote a empresas, bancos, artistas que foram apoiadores ou financiadores da esquerda e não apoiavam a candidatura de Bolsonaro. Estrategicamente a ação tática (Cesarino, 2022) movimentavam o grupo por meio de materiais exclusivos com a intenção de mobilizar o público a reivindicar, isto é, fechando contas de banco ou parando de comprar produtos da marca (Natura, Magalu, Americanas) para, assim, servir como um “sinal” de resposta do povo.

Em torno desses símbolos, a ideia a ser transmitida é de informalidade, simplicidade, hierarquia, união e virilidade. [...] Mais do que estilo performático ou mera retórica discursiva, os símbolos informam sobre as atividades do representante. Do conjunto de mudanças desde sua posse, importa aqui destacar as que afetam as práticas da representação, como a relação de controle entre representantes e representados e sua pluralização (Almeida, 2021, p. 437).

“A intenção de personificação/ encarnação vem desde a campanha. Basta lembrar a música ou hino, entoado por seus seguidores ‘Bolsonaro somos nós’, que sela uma espécie de compromisso coletivo, na base do nós comuns, em torno dos ideais do presidente” (Almeida, 2021, p. 436) à medida que o ex-presidente no seu governo sustentava-se como a manifestação da representação simbólica, a partir da oratória específica, sobretudo, símbolos autoritários advindo dos militares como gestos de continência, uso de acessórios específicos (Bíblia ou relógio barato) e encenações junto a família.

### 3.2.4. Motociata

Figura 9- MOBILIZAÇÕES, MOTOCIATAS E 7 DE SETEMBRO



Fonte - Elaborado pela autora, com dados extraídos do Telegram (2022).

A figura acima representa as mobilizações que foram organizadas pelos membros do grupo, com listas estratégicas, imagens e vídeos convocando os “patriotas” para as ruas. Durante as mobilizações através das motociatas, integrantes do grupo que participavam das manifestações publicavam os registros realizados em sua região como uma forma de representação e encorajamento.

Diante da exposição das motociatas e o evento que ocorreram no dia 7 de setembro de 2022, no que concerne ao “poder” e a “força” que os eleitores bolsonaristas pretendiam provar ou validar para mídia brasileira de que “somos um dos grandes” durante o período de mobilizações nas ruas, assim como, o engajamento digital que consolidou uma extrema-direita com base mais radical que agem e distribuem-se rapidamente.

De acordo com a matéria da CNN, no período de maio a novembro de 2021 foram aproximadamente 10 motociatas que Bolsonaro participou com o intuito de promover valores da família, o patriotismo e sobretudo defender o governo. No tocante a essa conjuntura, as mobilizações que percorreram ao longo de dois anos, foram fundamentais para a preparação dos atos golpistas que ocorreram após as eleições de 2022 e no começo de 2023. Além disso, os eleitores bolsonaristas não necessitavam diretamente de uma autoridade ou liderança para coordenar as manifestações e atos nas ruas, no que se refere a representação de uma preparação antecipada, tal como o ex-presidente fortalecia sua base convocando o seu público a participar juntamente com ele durante a concentração das motociatas estratégicas que realizava.

O texto abaixo chama-se “O choro dos derrotados” e foi compartilhado no grupo. Destaca a repercussão da mídia sobre a motociata pró-Bolsonaro em Orlando, noticiada pela jornalista Daniela Lima (repórter da CNN), que foi alvo de memes e chacotas; e a tentativa do PT com a ação judicial para acabar com as motociatas ou qualquer ato público.

**Quadro 5** – Texto de apoiador de Bolsonaro que relaciona o “ataque” da mídia e PT como derrotados.

"[O CHORO DOS DERROTADOS...]

Nesta última semana, enquanto noticiava a motociata Pró-Bolsonaro em Orlando, a repórter da CNN Daniela Lima riu em tom de deboche, dando a entender que seria um fracasso. Mas o tiro saiu pela culatra, a manifestação levou mais de 2 mil patriotas às ruas nos Estados Unidos.

O PT segue com a sua sanha de querer tirar o Jair a todo custo das ruas. Chegaram a entrar com uma ação na justiça para acabar com as motociatas e também com qualquer ato público. Mas porque tanto medo de um candidato que perde em todos os cenários nas pesquisas do Datafolha? Há poucos dias eles entraram com representação no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) contra o pastor José Wellington Costa Jr., presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), por propaganda eleitoral antecipada em um culto com a presença do presidente Jair Bolsonaro. Esta semana o TSE rejeitou as ações contra o Presidente e também contra o pastor.

Estão tentando nos parar de tudo quanto é jeito; amarrando as nossas mãos, pés, nos prendendo. Mas a nossa voz segue ecoando pelas praças, ruas, avenidas... e que barulho nós estamos fazendo. Nós somos o exercício da batalha e não o da ocupação; e isso é algo tão profundo. Quem entende essa verdade na sua forma mais sublime, aceita o processo. O propósito é muito maior do que eu, você, do que o próprio Bolsonaro. É por nossas famílias, pela inocência das nossas crianças, pela nossa fé."

Fonte - Elaborado pela autora, com dados extraídos do Telegram.

No texto acima, salienta a representação do povo em conjunto lutando em prol da família. No que corresponde a ação tática e coletiva de um (só povo) “a nossa voz segue ecoando pelas praças, ruas, avenidas... e que barulho nós estamos fazendo. Nós somos o exercício da batalha e não o da ocupação”.

No Brasil, após um longo processo de construção de uma hegemonia<sup>1</sup> discursiva de direita em distintos espaços da sociedade civil, e na esteira de uma crise de grandes proporções – econômica, política e institucional –, a nova direita encontrou em 2018, na coalizão de forças liderada pelo então deputado Jair Bolsonaro, não apenas a sua expressão institucional, mas também a maneira pela qual foi possível converter sua hegemonia ideológica em capital político (Silva, 2021, p.2).

Tendo em consideração, no que explica, Silva (2021) identifica como uma direita reinventada de um extenso procedimento de conflito ideológica e cultural em diferentes campos da sociedade civil. O autor aponta cinco características que se entende a relação dos novos

grupos políticos: centralidade da disputa cultural, anti-intelectualismo, antielitismo, instrumentalização do discurso politicamente correto e a junção do conservadorismo moral-defesa do livre-mercado.

Segundo o link compartilhado no grupo do *Jornal da Cidade Online*, intitulado como *organizador da motociata em Orlando revela que está sofrendo perseguição da esquerda*, trata-se de uma entrevista do empresário e produtor rural Mario Martins que fundou o movimento conservador “Yes Brazil USA” e responsável pela organização da motociata do ex-presidente Jair Bolsonaro em Orlando.

Dessa forma, foi realizado o primeiro comício da campanha presidencial fora do Brasil, que aconteceu no estado da Flórida, nos Estados Unidos. E, ainda de acordo com o entrevistado, por causa da grande procura, foi criado o movimento Yes Brazil, em que foram organizadas movimentações, motociatas, palestras e o primeiro congresso Conservador Brasileiro da Flórida.

Ainda, segundo Mario Martins, a motivação para a realização da motociata foi que coincidiu com o dia do congresso (Conservador Brasileiro da Flórida) e com o apoio da assessoria do Bolsonaro que contribuiu para realização da motociata com apenas três dias para entrar com pedido de licença para a realização efetiva dela.

Em vista disso, a última pauta da entrevista é sobre a imprensa americana, Martins comenta que algumas imprensas americanas reagem ao Bolsonaro no mesmo formato em relação as notícias que são divulgadas na mídia brasileira, que isso seja um direcionamento mundial de alguns setores influentes que exibem de forma pessimista sobre o mandato de Bolsonaro, mas não são todos e que há algumas emissoras que fazem a cobertura dos eventos. E enfatiza que o presidente tem muito prestígio internacional, apesar da imprensa brasileira falar ao contrário.

Avritzer (2018) elucida em seu trabalho de que há poucos componentes liberais na formação brasileira. O autor explica que para entender os impasses para a concepção de uma ordem mais sólida é necessário de antemão compreender o funcionamento constituinte judicial e civil do país. Mas o processo constitucional não conseguiu alcançar o mínimo no vigor de novos direitos capaz de fortalecer a ordem democrática-liberal (Avritzer, 2018). Compreende-se que a variação decorre da falta de alinhamento do judiciário na estruturação de divisão de poderes, isto é, um impasse que persiste e resiste sem resolução.

O autor divide dois momentos problemáticos da formação de uma tradição de direitos. O primeiro momento que autor descreve a “problemática porque o Brasil não constitucionalizou



limites para a ação do Judiciário e dos órgãos policiais ou, quando constitucionalizou, isso não se tornou efetivo” (Avritzer, 2018, p. 279). O enfraquecimento de uma tradição sólida de direitos e garantias individuais resultou no contratempo na política brasileira nos últimos anos na forte repressão policial durante manifestações e no pós-eleições de 2022, por exemplo, com o pedido de “intervenção federal” em atos bolsonaristas em frente aos quartéis. O segundo momento trata-se do Brasil atuar com cordialidade a crimes e violação que decorre especialmente aos indivíduos que utilizam do seu poder e influência para manejar ou manipular diretrizes.

Avritzer (2018) explica que o sistema judicial no Brasil atua independente de vontade ou participação popular e redireciona-se conforme demandas e exigências das elites. Elites, autoritarismo, políticas públicas é um problema que está na raiz da ligação entre elites e massas no Brasil.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retoma-se o argumento inicial de que esse trabalho se dispôs, que é analisar o eleitorado bolsonarista na eleição de 2022 e compreender a rede digital de extrema direita no Telegram. Nesse sentido, busquei entender a atuação do fenômeno bolsonarismo através das reflexões e trabalhos que foram bastante importantes fontes de inspiração e motivação para investigação que se conduziu durante o pleito de 2022.

Com o objetivo de compreender a comunicação do eleitorado bolsonarista ao longo do processo eleitoral, este estudo exploratório de natureza qualitativa analisou um grupo de bate-papo interligado ao canal. Esse método auxiliou na compreensão do processo de formação e organização dos membros analisados ao longo da experiência. Além disso, a imersão ao grupo possibilitou o contato inicial com os membros, para compreensão do recurso tecnológico e funcionamento do Telegram, a saber, o contexto das atividades e prática dos membros para análise dos dados que posteriormente foram coletados através do backup (cópia) disponibilizado pelo próprio Telegram.

Este trabalho apresenta duas contribuições teóricas. A primeira em relação ao processo do fenômeno bolsonarista, que é multifatorial e complexo (Solano, 2019) cuja formação a partir de uma identidade coletiva reforça o pertencimento do público que se identifica com os elementos da retórica bolsonarista. Nesse sentido, este estudo avança na compreensão da ação tática (Cesarino, 2022) da rede bolsonarista, que pode ser considerada um conjunto de ações muito bem orquestradas. O que permite observar novos contextos de comunicação e analisar de maneira mais profunda os membros de um determinado grupo pertencentes a uma comunidade no ambiente virtual/digital.

A segunda contribuição deste trabalho está relacionada à formação da nova direita (Rocha, 2018). Buscando identificar os elementos do processo que se originou a partir da organização na internet através de grupos de discussão e militância. A análise dos dados se debruçou sobre a comunicação dos membros, isto é, a produção, publicação e interação que pertencia ao ecossistema digital.

No decorrer deste estudo observou-se a formação estratégica e ordenada dos apoiadores/eleitores bolsonaristas no pleito de 2022 mediante a observação empírica realizada no Telegram. Desse modo, as contribuições práticas marcam dois pontos:

Participação política, por meio das redes de comunicação digital, mais especificamente por intermédio de plataformas de mídias que, passam a interagir cada vez mais de forma on-

line, tornaram-se um elemento indispensável na prática e organização de mobilizações nas redes.

Conectividade, o acesso à internet e das novas tecnologias, tornou-se uma ferramenta fundamental para o processo de transformação da sociedade. A autonomia digital oferece aos usuários voz e espaço que permite unificar atores individuais à ação coletiva ao criar comunidades de compartilhamento de crenças e convicções similares.

Esse estudo empenhou-se em fazer uma prévia discussão da atuação da internet participativa que durou em torno de seis meses de extrações de dados do Telegram. Desse modo, as principais limitações nesta pesquisa são: em primeiro lugar, decorreu em compreender o caminho mais adequado acerca da coleta e levantamento geral dos dados que não influenciassessem no resultado final da pesquisa. A princípio, o problema encontrado foi em desenvolver a melhor técnica ou mecanismo adequado para coleta de dados no Telegram, inclusive essa etapa foi um processo bastante demorado e exaustivo.

Durante a imersão no ambiente de pesquisa, enquanto estava investigando o funcionamento do Telegram e do grupo/canal, após um longo período de pesquisa, constatou-se que a plataforma disponibiliza o backup dos dados. É possível ter acesso ao histórico do grupo completo e realizar o backup dos dados de meses específicos, porém no mês de julho de 2022 foi acionado mais uma limitação, os administradores do grupo ativaram a função de mensagens autodestrutivas, ou seja, o tempo máximo disponível dos dados reduziu-se para um dia. Por outro lado, para melhor desempenho da pesquisa, acredita-se que seja o recurso da abordagem computacional para a coleta de dados; o que não foi explorado por esse trabalho.

Em segundo lugar, ocorreu a dificuldade no recorte dos dados coletados, pois sucedeu-se de forma manual e, por causa do volume extenso de conteúdos enviados, não foi possível coletar os dados de todos os dias em que ocorreram as observações e acompanhamento do grupo. Vale ressaltar que não é uma limitação por questão do método aplicado, mas por necessitar de um período de tempo maior para desenvolver a pesquisa.

Por fim, sugere-se que estudos posteriores, especialmente por esta temática, possam contribuir para o entendimento do processo de formação e dinâmica na rede prevalentes nas plataformas digitais, para tal compreensão que reconfigurou a plataformização da comunicação sociopolítica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Debora Rezende de. Bolsonaro (não) me representa. *In: Avritzer, L. et al, (org.). Governo Bolsonaro: Retrocesso Democrático e Degradação e Política*. 1ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. cap. seção 5, p. 427.

AVRITZER, L. O pêndulo da democracia no Brasil: Uma análise da crise 2013–2018. *Novos estud./cebrap*, São Paulo, p. 273-289, 2018. Disponível em: [novosestudios.com.br](http://novosestudios.com.br). Acesso em: 16 jun. 2023.

AVRITZER, L.; KERCHE, F.; MARONA, M. (Org.) *Governo Bolsonaro: Retrocesso Democrático e Degradação e Política*. 1ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. ISBN: 978-65-5928-023-0.

BALDAIA, F. P. B; ARAÚJO, T. M; ARAÚJO, S. S. d. O bolsonarismo e o Brasil profundo: notas sobre uma pesquisa. *XVII Enecult*, Salvador-Bahia, 27 jul. 2021. Doi: ISSN 2318-4035. Disponível em: [www.cult.ufba.br/enecult/edicao-2021-xvii-enecult](http://www.cult.ufba.br/enecult/edicao-2021-xvii-enecult). Acesso em: 23 mar. 2022.

BEZERRA, M.Y.P. Desinformação e pandemia: Uma análise de conteúdo jornalístico em canais de extrema direita no Telegram. 2022. Trabalho de conclusão de curso (Monografia graduação em Jornalismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 2 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2017.

CESARINO, L. Bolsonarismo sem Bolsonaro? Públicos antiestruturais na nova fronteira cibernética. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, [S. l.]*, v. 1, n. 82, p. 162-188, 2022.

CESARINO, L. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, v. 1, n. 1, p. 91-120, 2020. democrático e degradação da política. São Paulo: Autêntica, 2021. Doi: 10.11606/issn.2316-901X.v1i182p162-188. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/201360>. Acesso em: 24 jun. 2023.

FERRAZ, Cláudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. *São Paulo*, v. 12, n. 35, 14 out. 2019. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, p. 46-69. Doi: [https://doi.org/10.23925/v12n35\\_artigo3](https://doi.org/10.23925/v12n35_artigo3). Disponível em: [revistas.pucsp.br](http://revistas.pucsp.br). Acesso em: 22 jun. 2023.

FILHO, João Roberto Martins. *Ordem desunida: militares e política no governo Bolsonaro*. Perseu: História, Memória e Política. ed. 18, p. 168-193, 2019. Disponível em: <https://revistaperseu.fpabramo.org.br/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

HAN, Byung-Chul. *Infocracia : digitalização e a crise da democracia*: tradução de Gabriel S. Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. 112 p. ISBN-13: 978-6557135662.

HAN, Byung-Chul. *No enxame: perspectivas do digital*: tradução de Lucas Machado. 1ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018. 136 p. ISBN: 978-8532658517.

Horst, H. & Miller, D. (2012). *Digital anthropology*. Londres: Berg.

INTERNETLAB; REDE CONHECIMENTO SOCIAL. Os Vetores da Comunicação política em aplicativos de mensagens: hábitos e percepções. Edição 2 - 2021/2022. São Paulo, 2022.

KALIL, Isabela Oliveira. Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro. Núcleo de Etnografia Urbana: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, outubro 2018. Disponível em: [www.fespsp.org.br/neu](http://www.fespsp.org.br/neu). Acesso em: 22 out. 2022.

KOBELLARZ, J.K. Polarização virtual: estudo da dinâmica de cenários politicamente polarizados em sites de redes sociais. 2021. Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnologia Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

LAZZERI, Thais. Filme negacionista sobre meio ambiente no Brasil é um dos dez vídeos mais postados no Telegram. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://infoamazonia.org/2022/01/26/telegram-extrema-direira-fake-news-meio-ambiente/>. Acesso em: 23 mar. 2022.

LENTZ, Rodrigo. República de segurança nacional: Militares e política no Brasil. São Paulo: Expressão popular/Fundação Rosa Luxemburgo, 2022. 385 p. ISBN: 978-65-5891-053-4. *E-book*.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. 3. ed. Tradução: Carlos Irineu da Costa, São Paulo: Editora 34, 2010. 272 p. ISBN: 978-85-7326-126-4.

LOPES, M. S.; ALBUQUERQUE, G.; BEZERRA, G. M. L. “2018, a batalha final”: Lava Jato e Bolsonaro em uma campanha anticorrupção e antissistema. *Civitas: revista de Ciências Sociais*, v. 20, n. 3, p. 377–389, 2020. Doi: 10.15448/1984-7289.2020.3.37248. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br>. Acesso em: 15 jun. 2023.

NASCIMENTO, L. F., CESARINO, L. M. & FONSECA, P. F. C. (coords.). “Democracia digital: análise dos ecossistemas de desinformação no Telegram durante o processo eleitoral brasileiro de 2022” - vol. 1. São Paulo, 2022.

NASCIMENTO, Leonardo. et al. “Não falo o que o povo quer, sou o que o povo quer”: 30 anos (1987-2017) de pautas políticas de Jair Bolsonaro nos jornais brasileiros. *Plural, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v.25, n.1, p.135-171, fev.2022. Disponível em: [www.revistas.usp.br](http://www.revistas.usp.br). Acesso em: 26 mar. 2022.

NETO, Vital; BRITO, José. Motociata com Bolsonaro nesta sexta deve custar ao menos R\$ 1 milhão aos cofres públicos. *CNN Brasil*, São Paulo, 14 de abril de 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/motociata-com-bolsonaro-amanha-deve-custar-pelo-menos-r-1-milhao-aos-cofres-publicos/> Acesso em: 16 Julh. 2023.

PASSOS, Anaís Medeiros. Militares e política no governo de Jair Bolsonaro. *In: Avritzer, L. et al, (org.). Governo Bolsonaro: Retrocesso Democrático e Degradação e Política*. 1ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. cap. seção 3, p. 217-225.

PERGUNTAS Frequentes. *Telegram.org*, 2013. Disponível em: [<https://telegram.org/>](https://telegram.org/) Acesso em: 23 mar. 2022.

REIS, D. A. Notas para a compreensão do Bolsonarismo. *Estudos Ibero-Americanos, [S. l.]*, v. 46, n. 1, p. 1-11, e36709 2020. Doi: 10.15448/1980-864X.2020.1.36709. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/36709>. Acesso em: 11 ago. 2023.

ROCHA, C. (coord.). O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018. ISBN: 978-85-7559-655-5 (recurso eletrônico). *E-book* (158 p.).

ROCHA, Camila. “Imposto é Roubo!” A Formação de um Contrapúblico ultraliberal e os Protestos Pró-Impeachment de Dilma Rousseff. *Dados rev. ciênc. sociais*, Rio de Janeiro, v. 62 (3), p. 1-42, 2019. Doi: <https://doi.org/10.1590/001152582019189>. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

ROCHA, Camila. 'Menos Marx, mais Mises': uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2019. Tese (Doutorado em Ciência Política) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Doi:10.11606/T.8.2019.tde-19092019-174426. Acesso em: 16 junh. 2023.

SANTOS, João Guilherme et al. “WhatsApp, política mobile e desinformação: a hidra nas eleições presidenciais de 2018”. *Comunicação & Sociedade*, v. 41, n. 2, p. 307-334, 2019.

SANTOS, N. Telegram é usado para espalhar links com desinformação do Youtube. [S. l.], 2021. Disponível em: [desinformante.com.br/telegram-dissemina-mais-desinformacao-que-whatsapp/](https://desinformante.com.br/telegram-dissemina-mais-desinformacao-que-whatsapp/). Acesso em: 23 mar. 2022.

SCHWARCZ, Lilia. Sobre o autoritarismo brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. ISBN: 978-85-5451-391-7. *E-book* (219 p.).

SILVA, André G. F. da. Entrando em ação, movendo a cena: práticas informacionais nos ambientes do aplicativo Telegram. 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SILVA, C.N. Fake News, radicalização da polarização política e o constitucionalismo autoritário no Brasil. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Monografia Bacharel em Direito) - Universidade Federal De Uberlândia, Uberlândia, 2020.

SILVA, Ivan Henrique de Mattos e. “Liberal na economia e conservador nos costumes”: Uma totalidade dialética. *Revista brasileira de ciências sociais*, Amapá, v. 36, n. 107, p. 1-19, 2021. DOI <https://doi.org/10.1590/3610702/2021>. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SOLANO, E. A bolsonarização do Brasil. In: Abranches, Sergio et al. *Democracia em Risco? 22 ensaios sobre o Brasil de hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 307-321.

SOLANO, Esther. Crise da Democracia e extremismos de direita. Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) Brasil, São Paulo, p. 1-29, 2018. Disponível em: [library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14508.pdf](https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14508.pdf). Acesso em: 15 jun. 2023.